



Textos para reflexão e ação: Entre os dias 12 e 17 de outubro de 2020, a Marcha Mundial das Mulheres encerra sua 5ª Ação Internacional, com o lema "Resistimos para viver, marchamos para transformar". Preparamos uma série de textos e áudios que serão publicados ao longo desta semana, resgatando as lutas de nossa 5ª Ação Internacional, as nossas alternativas feministas e a nossa história. No dia 17, faremos uma grande atividade virtual internacional. A 5ª Ação Internacional se encerra, mas a luta feminista segue, forte e permanente: resistindo para viver, marchando para transformar!

Texto #3: Agroecologia e soberania alimentar

Construir alternativas a partir da agroecologia e da soberania alimentar significa denunciar que o agronegócio mantém um sistema agroalimentar que não garante o acesso, a disponibilidade e tampouco a qualidade dos alimentos tão amplamente difundidas. O que é produzido pelo agronegócio gera grandes impactos ambientais, desertificação e aumento do aquecimento global. Esse sistema também tem gerado pandemias, tais como a da Ebola, gripe aviária e suína e mesmo a da covid-19. Com isso, temos em muitos lugares o agravamento da fome, a perda de territórios camponeses atrelados a inúmeros crimes ambientais, como é o caso dos incêndios na Amazônia e no Pantanal, de grande interesse de especulação internacional de transnacionais do agronegócio.

Deixando explícita essa denúncia, a agroecologia e a soberania alimentar se apresentam, para nós da MMM, como possibilidades reais de construção coletiva, colaborativa, de organização e de sustentabilidade da vida. São práticas que estão entrelaçadas, a partir das mulheres, das camponesas, do feminismo, da solidariedade.

Para nós, a Agroecologia tem sido um caminho coletivo de construção de uma filosofia de vida que, a partir de uma forma de pensar e fazer a agricultura, propõe relações justas, igualitárias e equilibradas entre as pessoas e dessas com o ambiente, orientando, assim, visões de mundo, ações cotidianas, atuações políticas e práticas produtivas, de consumo e da construção de novas relações sociais. Com essa afirmação, recusamos uma visão cientificista e tecnicista, ainda muito presente no mundo acadêmico e na prática cotidiana de parte das organizações, que resume a agroecologia à transição do modelo de produção. Não basta substituir os venenos e adubos químicos por insumos agroecológicos ou orgânicos na produção de alimentos, energia, fibras... Na nossa perspectiva, é preciso transformar as relações sociais entre homens e mulheres e entre gerações, ressignificando as conexões entre campo e cidade



para a construção de um outro mundo possível! É na agroecologia, portanto, que podemos construir autodeterminação e nela orientações gerais sobre as múltiplas formas de cooperação e de enfrentamento do agronegócio.

Um dos sentidos da construção da agroecologia está na garantia da soberania alimentar, que consiste no direito dos povos de decidirem suas próprias políticas agrícolas e alimentares. Precisamos retomar o direito de poder escolher o que chega à nossa mesa, o que comer e como comer. Comer é uma ato político!

É fundamental para a soberania alimentar garantir o direito das/os campesinas/os de decidir o que plantar, como plantar, para quem e, inclusive quando plantar, pois não podemos deixar que as transnacionais do agronegócio e da agroindústria de alimentos decidam sobre nossa alimentação, pois o consumo de alimentos do agronegócio resulta em doenças e mortes. Os agrotóxicos, cada vez mais presentes no agronegócio brasileiro, envenenam as pessoas que consomem e trabalham com estes alimentos, ou simplesmente quem moram perto desses lugares de pulverização de venenos em grande escala.

Um dos principais braços do agronegócio é a transformação genética das espécies. Os alimentos transgênicos, já comuns também no vocabulário, são apropriações de conhecimentos de anos de agricultura tradicional, assim, modifica-se os alimentos e se patenteia as sementes, impedindo o livre plantio dos pequenos agricultores e gerando doenças, muitas ainda desconhecidas. Mas, além da manipulação genética de sementes, os animais também passam por este processo. Hoje, 5 grandes empresas possuem o controle de aproximadamente 80% das aves produzidas no mundo, fazendo com que a maior parte destes animais tenha uma genética muito parecida: este é o cenário perfeito para a proliferação de novos e perigosos vírus.

Na vida concreta das mulheres, a construção da agroecologia para a garantia da soberania alimentar se dá tanto na produção de alimentos saudáveis - especialmente em seus quintais produtivos -, quanto na comercialização de seus produtos, estimulando os circuitos curtos de comercialização que acontece nas vendas nas comunidades, de porta em porta ou em suas casas, mas também construindo feiras agroecológicas e entrega de cestas para consumidoras/es conscientes, como estratégia não apenas de escoamento da produção, mas de visibilidade do trabalho e da produção agroecológica das mulheres.

No contexto da pandemia da Covid-19, as mulheres campesinas, em sua luta feminista e agroecológica, têm realizado as ações coletivas de solidariedade, com a distribuição de cestas



com alimentos saudáveis e produtos de limpeza produzidos em uma lógica diferente daquela tradicional, que diz que o lucro é o maior dos valores. Ao mesmo tempo, tem sido realizado um processo de reflexão e debate crítico sobre a expressão do capitalismo e do patriarcado que impõe o aumento da violência contra as mulheres, que não estão seguras em suas casas, ao passo que gera desemprego, exposição maior ao vírus na realização de trabalhos sem a segurança necessária, sobrecarga de trabalho, intensificando a responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico e de cuidados. Os dados nos mostram que tanto o aumento do desemprego, da violência e de mortes se deu sobre as mulheres negras.

Construir a agroecologia é também compreender que é necessário articular o entendimento de como o patriarcado monta suas bases para fortalecer o sistema capitalista. Assim também, de como o capitalismo se aproveita das desigualdades e aprofunda a exploração do trabalho das mulheres. Nesse sentido, é fundamental percebermos e denunciarmos as diferentes formas de controle sobre nossas vidas, nossos corpos, nossos trabalhos, nossos territórios e nossa produção, como estratégia do capitalismo para se manter como sistema hegemônico.

A partir do nosso olhar feminista, reafirmamos a concepção de que a Agroecologia precisa ter um enfoque sistêmico, que considere as dimensões ecológica, econômica, social, cultural, política e ética. Por esse motivo, não podemos desconsiderar que nossa sociedade foi construída com base em relações desiguais de poder entre homens e mulheres, entre brancas/os e negras/os, pobres e ricos/os, e fortemente demarcada pela heteronormatividade, como único padrão aceitável de sexualidade. É nesse aspecto que temos construído a compreensão que sem feminismo não há agroecologia.

Acreditamos ainda que é essencial que a Agroecologia se some à luta feminista para alterar a divisão sexual do trabalho, valorizando e reconhecendo as atividades produtivas e reprodutivas das mulheres, e, mais do que isso, buscando a sua justa divisão, em especial do trabalho doméstico e de cuidados.

Não podemos ignorar também o impacto do latifúndio nesse processo. No Brasil, a maior parte das terras está concentrada nas mãos de poucos, concentrando também o acesso à água e outros recursos naturais. É impossível plantar sem terras, por isso dizemos que sem Reforma agrária, não há agroecologia! E é preciso entender que esta concentração na mão de poucos é uma decisão política, que interessa às elites nacionais e internacionais, que se beneficiem da escassez de recursos e territórios ao qual os pequenos e pequenas agricultoras são submetidas. Só é possível resolver este impasse com um aprofundamento democrático, que vá desde a democratização dos espaços decisórios, até a democratização da renda e da terra.



É neste sentido que as mulheres constroem resistência, seja a partir de suas práticas cotidianas que partem de uma relação não predatória com o meio ambiente, seja por construções coletivas de pressão por soberania, como é a construção da Marcha das Margaridas. Nossos acúmulos nos permitem afirmar que a concentração de terras é parte de uma estrutura de exploração e desigualdades que necessita da manutenção da pobreza, do racismo e do patriarcado. Por isso, nosso desafio permanente é mudar o mundo e a vida das mulheres e, portanto, precisamos estar coletivamente em movimento. O nosso movimento é transformador!

As mulheres são como as águas, crescem quando se juntam!

Sem um mundo livre de racismo não há agroecologia!

Sem feminismo, território e democracia não há agroecologia!

Marchamos para transformar!